1922 AGOSTO E SETEMBRO N.º 16

INSTITUTO DE MISSÕES COLONIAIS

SERNACHE DO BOMJARDIM

BOLETIM DAS Missões Civilizadoras

DIRECTOR — Abilio Marçal

«O Instituto publicará um boletim destinado á propaganda da nossa acção civilizadora, a tornar conhecidos os trabalhos dos seus agentes e á discussão dos altos problemas de colonização. Será dirigido pelo director, com a colaboração obrigatoria de todos os professores.»

(Decreto de 8 de Setembro de 1917, artigo 18.º)

Tip. do Instituto
SERNACHE DO BOMJARDIM

SUMÁRIO

Pag.

Missão «Camões» 1
Dr. Virgilio Nunes da Silva — J. D. 4
Considerações 5
João Ferreira 11

Instituto de Missões Coloniais:

A nossa acção civilizadora — Henrique Costa 13
Movimento da Missão «Patria» 16
Em defeza das missões — Abilio Marçal 17
Missões civilizadoras em Africa — Do *Seculo* 20
Ao «Seculo» 22

Pelo Estado da India:

Viagem ás Praças do Norte — M. Antunes Amor 23

Correspondencia das Missões Civilizadoras:

Da Missão «Patria» — Candido da Silva Teixeira 31
Da Missão «Miguel Bombarda» — Antonio da Silva Veiga 35
Legislação Portuguesa sobre Missões 37

REGULAMENTO

— DA —

INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA

DECRETO N.º 7:568, de 18 de JUNHO de 1921

Um volume brochado . . . . . 1$50

Encontra-se á venda na LIVRARIA CORREIA PINTO,
Rua de S. Nicolau, n.º 73 — **LISBOA**

BOLETIM
DAS
Missões Civilizadoras
DIRECTOR — ABILIO MARÇAL

N.º 16 | AGOSTO E SETEMBRO | 1922

Missão "Camões"

ESTA missão, instalada em Moçambique, recebeu no corrente ano 4 valiosos elementos — os quatro inteligentes moços que constituem o grupo a que damos o logar de honra deste numero e de quem vamos dar umas breves notas biograficas.

Pedro Alves Gago

E' natural de Mação, onde nasceu em 8 de novembro de 1900.

Foi internado em 9 de novembro de 1914. Em 23 de julho de 1919 concluiu o curso de preparatorios e em 1921 o complementar, com 14 valores e a informação final de «Bom» em comportamento e aplicação.

Por decreto de 31 de outubro de 1921, foi nomeado agente de civilização para a Missão *Camões*, para onde embarcou no vapor *Lourenço Marques*, em 24 de janeiro de 1922.

Esteve em Moçambique prestando serviço na Escola de Artes e Oficios e, pela transferencia de Matos Nunes para Fernão Veloso, foi colocado na sucursal de M'Conta, onde actualmente está, com o seu condiscipulo Fernandes Pêgo.

Eduardo Jose Fernandes Pêgo

E' natural de Mogadouro e tem apenas 20 anos de edade, pois nasceu em 19 de fevereiro de 1902.

Deu entrada neste Instituto em 19 de novembro de 1914, sendo logo matriculado no curso liceal, que concluiu em 24 de junho de 1919, com a nota de «Bom» em comportamento e aplicação.

O curso complementar, concluiu-o com 15 valores, em 1921.

Por decreto de 31 de outubro de 1921, foi nomeado agente de civilização para a Missão *Camões,* onde actualmente serve, na sucursal de M'Conta.

Embarcou em Lisboa, no dia 24 de janeiro de 1922, no *Lourenço Marques.*

Pedro Gago e Fernandes Pêgo, agora unidos no mesmo organismo civilizador , são dois bons rapazes, com decididas faculdades de trabalho, que no seu posto farão brilhantemente a revelação do muito que podem e valem e sem duvida na sua sucursal, em dedicada conjugação de esforços, farão uma grande obra de civilização.

Antonio Alberto Moura

Nasceu em Moncorvo, em 10 de dezembro de 1900 e deu entrada neste Instituto em 10 de outubro de 1910.

Concluiu o curso liceal em 7 de junho de 1915.

Chamado nesse ano ao serviço militar, teve de interromper os seus estudos.

Regressando ao Instituto, concluiu o curso complementar em 30 de junho de 1921, com a classificação de 16 valores e a informação final de «M. B.» em estudo e comportamento.

Nomeado agente de civilização por decreto de 31 de outubro de 1921, embarcou para Moçambique, no *Lourenço Marques,* em 24 de janeiro de 1922.

Ali chegado, foi mandado para a sucursal de Fernão Veloso, donde vae partir para o Luá, a assumir a chefia da Missão *Republica,* por proposta do director deste Instituto, que assim reconheceu e assinala os incontestaveis merecimentos e boas qualidades de Antonio Moura.

Os novos agentes de civilização da Missão "Camões"

De pé, da esquerda para a direita: — Pedro Alves Gago, Antonio Alberto Moura e Eduardo José Fernandes Pêgo
Sentado: — Antonio Júlio de Matos Nunes

ANTONIO JULIO DE MATOS NUNES

Não pertence a este Instituto, mas tem uma excelente educação literaria e uma sólida preparação.

E' um antigo missionario da provincia de S. Tomé.

Querendo continuar a prestar os seus serviços á causa da civilização, requereu a sua inscrição nas missões civilizadoras laicas, sendo-lhe destinada a *Camões*, para onde partiu no *Lourenço Marques*, em 24 de janeiro ultimo.

Tem-se revelado um excelente companheiro, inteligente, de decisão e vontade firme.

Presta actualmente serviço na sucursal de Fernão Velozo, que muito tem a esperar da sua actividade e iniciativa.

*

Com estes agentes seguiu tambem para a mesma missão a auxiliar Ernestina Amelia de Moura, que no *Instituto Feminino Elias Garcia*, onde esteve prestando serviço, se revelou de apreciaveis qualidades.

Sobre os seus merecimentos, informa o chefe da missão nos seguintes termos:

«A Ernestina, não desmancha o conjuncto. E' trabalhadora e não é intriguista, o que é uma excelente qualidade, um tanto rara nestas paragens.

Tem sido uma boa companheira. Ela antes queria, porém, estar em Fernão Veloso, junto dos irmãos, o que é legitimo. Este desejo poderá ser-lhe satisfeito logo que chegue a Josefina, mas só então, porque na Cabaceira não pode estar uma senhora só.»

Ernestina Moura vae seguir com seu irmão para o Luá, Alto Molócué, onde bons serviços poderá continuar a prestar.

Refere-se esta comunicação a Josefina Lacerda de Melo e Castro e marido Benjamim Cesar de Melo e Castro, que, por decreto de 8 de junho ultimo, foram nomeados agentes de civilização para aquéla missão, para onde já seguiram e que pela sua ilustração e faculdades de trabalho muito podem fazer, e certamente farão, em prol da causa da civilização.

Com tão valiosos elementos e ponderada direcção, a *Camões*, continuando as suas boas tradições, muito poderá desenvolver os seus serviços e atingir o estado de progresso e actividade que os seus fundadores almejaram, mas que, por falta de pessoal, não tem podido realizar.

Dr. Virgilio Nunes da Silva

Dum antigo aluno deste Instituto, hoje distinto oficial do exercito, recebemos a seguinte carta, que, embora não destinada á publicidade, nós vamos em parte transcrever:

Sr. director e meu amigo

Recebi o Boletim das Missões Civilizadoras *e muito lhe agradeço a amabilidade da oferta. Ainda bem que vae proseguir na sua publicação.*

Este numero foi-me particularmente sensivel por publicar o retrato do meu inolvidavel amigo, dr. Virgilio.

Permita-me, sr. director, que ás suas boas palavras de verdade e justiça, eu junte as minhas mui sentidas condolencias.

Fui seu discipulo e foi nas aulas que êle me fez seu amigo e seu admirador.

Que apaixonado apostolo do dever e que fervoroso patriota êle foi!

V. tem razão — a sua morte foi uma grande e irreparavel perda para esse Instituto.

*

O boletim merece-me sempre interesse, aliás legitimo, não só porque me interessa tudo quanto diz respeito a esse Instituto, mas porque creio, sem a menor sombra de duvida, na eficacia e futuro das missões laicas.

V. tem razão.

Estive três anos no Congo, comandando o posto militar de Caimba e ali tive ocasião de observar e de me convencer de que o preto, pelo menos hoje, não vive de misticismos nem se impressiona e deixa arrastar por exterioridades.

Tem já, e muito, espirito pratico.

Conhece as necessidades da vida e aprecia-as. Vê os beneficios da civilização e o bem estar que ela lhe pode trazer e aspira a êles. Compreende bem que esses beneficios, que o emancipam da selvageria, êle só os pode conseguir pelo trabalho, e dispõe-se a trabalhar. Quere aprender oficios para tambem ser gente, *para ter coisas e dinheiro como tem o branco.*

Não foge da oficina e mostra muito interesse pelas culturas novas que lhe ensinam a fazer.

Podia apresentar-lhe factos comprovativos do que venho dizendo, mas receio abusar demasiadamente da sua bondade e roubar-lhe o seu precioso tempo.

. . . . . .

Queira perdoar a grande massada que lhe deu este tagaréla, que de V. se confessa amigo certo, muito obrigado,

J. D.

CONSIDERAÇÕES

DURANTE os seis longos meses de suspensão deste boletim, bastante se tem animado a discussão do problema da civilização das nossas colonias.

Bem é de aplaudir tamanho interesse, que nós julgavamos não existir e que, em verdade, não se revelou emquanto o problema parecia esquecido dos poderes publicos, com o Estado a organizar pachorrentamente as suas missões, e as religiosas em completo estado de abandono e decadencia.

Todavia e ainda que tardíamente, bom é que assim seja, embora ás vezes mais pareça que o que se pretende defender não é a causa da civilização, mas os intentos duma religião: não os interesses do Estado, mas as pretensões da igreja.

Porque ninguem discute a estructura das missões, a sua orientação ou os seus meios de acção: a critica reduz-se a um pretenso confronto entre missões religiosas, actualmente desorganizadas, e as missões laicas, ainda em começo de organização e acção, para se concluir logo, abruptamente, em favor das religiosas, em nome do que se convencionou chamar o sentimento religioso.

Como se, expontaneo ou não, esse fôra, e é sem duvida, o unico proposito de tamanha azafama.

Seja, porem, como fôr, essa discussão está sendo feita sob

um ponto de vista absolutamente errado e revelando um agastamento que julgamos sem fundamento.

O que nos obriga a umas breves considerações, em palavras serenas, a desfazer esse equivoco em que tanta gente parece laborar e colaborar.

*

Atendamos.

As missões laicas não foram creadas em competencia com as missões religiosas: nem contra elas, nem para as afrontar nem para as substituir.

Correspondem a uma necessidade do Estado.

São a afirmação dos seus propositos e do seu esforço na solução do magno problema da civilização das nossas colonias.

São uma honesta tentativa da Nação para honrar pactos internacionais que subscreveu.

Umas são organismos da República, que os não podia crear com forma religiosa: as outras são creações da Igreja, uteis auxiliares do Estado, que ele, como instrumentos de civilização, aceita e subsidía.

As missões religiosas manteem a sua organização canonica, ciosamente, não aceitando nela a intervenção do Estado e sómente a da Igreja.

Ninguem as contraria.

Reclamam a mais completa autonomia, até em materia financeira, e ainda ha pouco a reinvindicaram, e o governo lh'a concedeu por um decreto, aliás de mais do que duvidosa legalidade. Devem estar satisfeitas.

Nunca se abstraem da propaganda religiosa e estabelecem-se, não onde convenha aos interesses do Estado, mas onde querem e melhor campo encontram para a pregação e expansão da sua confissão.

Pretendem ser organizações autonomas.

Está muito bem. Sejam.

Mas Portugal tem um vasto patrimonio colonial a civilizar e a ocupar.

Não podia desinteressar-se do caso nem confiar-se sómente aos serviços e cuidados dos outros.

Creou, por isso, a sua milicia civilizadora.

As missões laicas são uma instituição nacional; essas vão

para onde a República as manda, por vezes mais como objectivo politico do que por interesses de civilização.

Quantas vezes elas são um instrumento de ocupação, a afirmação da soberania portuguesa, que só como organismos do Estado élas podem oficialmente realizar e afirmar.

A sua coexistencia, pois, não é para luctas ou disputas. Nem conflitos de interesses entre elas pode haver.

A Africa é tão grande!...

Ambas teem o mesmo objectivo, mas cada uma com os seus meios e a sua diversa orientação: ambas com o mesmo fim e a mesma aspiração, mas cada uma, para realiza-la, trilhando o seu caminho, que para a outra é ás vezes impraticavel.

Nenhuma delas pode ter a estulta pretenção de perfeição absoluta nem emquanto á sua organização nem, e menos ainda, a respeito dos actos dos seus membros.

Compreende-se e é legitimo que entre elas exista o estimulo para cada uma procurar fazer mais e melhor.

Isso será excelente. Dai só podem advir beneficios, ao mesmo tempo para as missões e para a causa da civilização.

Manter, porem, discussões na imprensa, como algumas temos visto, irritantes e em pretenções de exterminio, inventando faltas e assoalhando defeitos, deprimindo umas para elevar outras, é que nos parece iniciativa e orientação um tanto infeliz e impertinente, um péssimo serviço que ás missões religiosas prestam os seus turibularios.

E' provocar uma incompatibilidade que lhes será mui inconveniente e alimentar uma polémica que elas não poderão suportar, por mais que engeitem as responsabilidades do passado e pretendam proclamar vida nova.

*

Alem disso os detractores das missões civilizadoras revelam-se absolutamente inconsequentes.

Mofam das missões laicas mas vão adoptando as suas bases.

As missões religiosas teem melhores condições e boas vantagens, proclamam, mas... vão-se laicisando!

Porque os principios e as ideias com que elas agora se pretendem vivificar e rehabilitar, são os proprios principios e a propria orientação das missões laicas.

Começam a reconhecer e a confessar que nas missões são precisos artistas e trabalhadores.

As «missões sem o trabalho não podem dar resultado», dizia Barroso.

Sem duvida!

Mas, o amor do trabalho é a grande religião, o fructificante culto das missões civilizadoras laicas!

«A sovéla, o formão, a bigórna, reclama o bispo de Siéne para as suas missões, como instrumentos revigoradores da sua acção civilizadora e reconfortantes dos seus creditos.»

Mas, missões com artistas, missões com agricultores, missões com mulheres, essas são as missões laicas!

E' a sua orientação. E' a sua constituição.

Que falta, pois, na missão civilizadora laica?

O elemento religioso, dizem. E' certo.

O elemento religioso...

Mas, reflitamos. Qual será mais poderosa alavanca de civilização, mais eficaz e mais util — o padre prégando ao preto os misterios e as verdades duma religião, bélas e sublimes, sem duvida, mas que êle não compreende nem é capáz de assimilar, ou uns conjuges dando ao gentío, praticamente, a noção e o exemplo da familia civilizada, creando nêle essa mesma familia, com o respeito pela mulher, a mutua fidelidade conjugal, a procreação e o amor dos filhos, os carinhos e os cuidados da sua proteção, e, daí, a creação de encargos e a correspondente necessidade do trabalho?

Responda a consciencia de quem nos lêr. Essa, a constituição da familia, é que ha de ser a pedra fundamental em que ha de assentar toda a acção civilizadora das raças africanas.

Nós poderiamos responder com as proprias palavras dum dos maiores missionarios da igreja catolica — «*o preto que foi ouvir a nossa catequése mas que não compreendeu as verdades que lhe são reveladas, vem um dia por curiosidade, mas não volta. No fim de dez anos de catequése, por este sistema, estará tão selvagem como no primeiro dia.*»

Mas não responderemos porque não nos cegam paixões nem costumamos adoptar processos que nos outros censuramos.

Bem sabemos que os organismos religiosos teem uma missão mais facil, mais atraente e que mais seduz o preto.

Estabeleçam no sertão uma oficina junto duma igreja, e os pretos irão de melhor grado para a igreja. E' bem mais agradavel estarem a perfurmar-se de incensos, a entoar canticos e a contemplarem as cerimonias e as vestes duma liturgia aparatosa, do que na serralharia a bater ferro ou na carpintaria a aplainar taboas.

Sem duvida.

Que isto de trabalhar é uma grande maçada até para muitos brancos quanto mais para pretos.

Mas nós perguntamos á boa fé e á razão de todos os homens, ao seu bom senso, qual das obras será a mais util, a mais racional e a mais perduravel?

O padre praticou um acto religioso, mas não realizou uma civilização como ela deve ser compreendida e realizada.

Nem uma conversão religiosa efectuou! O preto saiu da igreja tão pagão e tão selvagem como para lá entrou.

Ele receberá, sim, todas as insuflações religiosas, mas manterá sempre o culto do seu manipanço!

Extirpar o fetichismo e a idolatria das raças africanas, isso será bélo, e virá a fazer-se, mas ha de ser a ultima conquista da igreja.

Para chegar lá que grande obra de preparação éla tem a realizar!

*

O que nós apenas queremos frizar, e iamos dizendo, é que a constituição das missões laicas não é tão inconsequente e leviana como pretendem os seus detractores: nem é tão banal que não tenha principios e elementos de acção e orientação que as missões religiosas estão agora reclamando e procurando seguir, e outros que elas nunca poderão adoptar nem possuir. E esses são os de melhor combate e conquista.

Sem a constituição da familia não pode haver civilização possivel e perduravel, E' uma verdade indiscutivel, que não pode ser iludida nem ilidida!

E essa constituição não se préga nem se ensina, que o preto, assim, não a compreende nem a aceita.

Pratica-se ali, deante dele, e impõe-se-lhe pelo exemplo.

Só assim ele se resignará a ter uma unica mulher e a considera-la e a dignifica-la; a procrear os filhos e a sustenta-los; a crear em si, emfim, o estímulo e o orgulho de ser um chefe

de familia como é o *branco*, a trabalhar e a viver dentro da sua casa como ele vive e a querer para essa sua familia o mesmo bem estar e as mesmas comodidades que teem as outras.

E tudo isso, convertido em zêlos e estímulos, ele só o poderá realizar pelo seu trabalho, a que se entregará primeiro por necessidade e depois por gôsto e por habito.

Esta é que é a base da civilização africana — a constituição da familia — e sobre ela gerar afectos na alma do preto, depurar nela sentimentos e crear nele habitos de trabalho e necessidades que a trabalhar o vão obrigando suavemente.

Passar horas seguidas em um templo, a cantar e a rezar, deve ser mui agradavel á igreja e não menos ao preto; mas é induzi-lo na ociosidade, e a indolencia do gentio, que lhe vem de condições proprias e de circunstancias externas, é um dos grandes males que as missões teem de bater e combater.

E' bom cuidar da alma do preto, mas será optimo, emquanto êle andar cá por este mundo, obriga-lo e habitua-lo ao trabalho.

Para se civilizar e para produzir!

E não esqueçamos ainda a acção que a mulher casada exerce dentro da missão, como seu elemento de moralização e — mais do que isso — como a segura garantia da sua moralidade.

Ora, essa obra não a podem realizar as missões religiosas. Nem o padre nem as irmãs hospitaleiras; que um e outras são até a propria negação da familia, e algumas vezes teem sido tambem a negação da propria moralidade.

Esse grande objectivo só o podem alcançar as missões laicas, e ai reside um dos seus mais poderosos elementos de acção, que manifesta vantagem lhe dão sobre o elemento religioso, que pode apenas realizar um principio de civilização, mui aproveitavel, sem duvida, mas incompleta.

Falamos sem acrimonia nem má vontade contra as missões catolicas e muito menos contra essa confissão religiosa.

Expomos factos.

Um erro tem sido embrulhar as missões com a religião.

A causa da civilização não é nem pode ser posta á Republica como um problema religioso.

E' um problema nacional.

JOÃO FERREIRA

Mais um que tomba no seu posto!

Uma energia mais que baqueia no cumprimento do seu dever, que êle compreendia com inteligencia e elevação e realizava com devoção e patriotismo.

João de Jesus Ferreira, de Santa Maria do Castelo, Torres Vedras, filho de Francisco Ferreira, entrou neste Instituto em 23 de Outubro de 1913.

Concluiu o curso de preparatorios com a classificação de 12 valores e a informação de «Bom» em comportamento e aplicação.

Com a mesma informação, tambem sobre comportamento e estudo, e a classificação de 14 valores, concluiu o curso complementar em 17 de Julho de 1920.

Por decreto de 31 de Julho de 1920, foi nomeado agente de civilização e colocado na missão *Camões*, de Moçambique, para onde embarcou no vapor *Pedro Nunes*, em 18 de Dezembro do mesmo ano.

Esta a sua classificação escolar, tão limpida como honrosa.

Emquanto á sua vida de missionario, infelizmente tão efémera, damos a palavra ao seu chefe, que na sua informação sobre o pessoal da missão *Camões* se referiu nestes termos ao seu joven e malogrado companheiro:

«Coloquei o João Ferreira na Escola de Artes e Oficios, por me parecer que era o que, por mais dum motivo, melhores condi-

ções reunia para ocupar este logar, que, parecendo simples e de facil exercicio, é, todavia, complexo e mui trabalhoso.

De manhã, dá aula aos alunos da escola e á tarde, aos restantes, creados e pretos adultos, que para esse fim veem da ponta da ilha.

A' noite, novamente escola aos alunos mais adeantados e logo a seguir uma sessão de musica e canto coral.

O resto do dia passa-o nas oficinas, que funcionam com regularidade, o que ha alguns anos não acontecia.

E á noite ainda tem serviço na secretaria.

João Ferreira, é um bom missionario e um excelente colaborador que eu tive a sorte de encontrar.

Nunca careci de lhe dar uma ordem. Vivemos como irmãos e folgo de registar aqui a gratidão que lhe devo pela correcção do seu procedimento, pela sua dedicação ao serviço e pelo cuidado e atenção que põe sempre em adivinhar-me os pensamentos e em poupar-me a trabalhos e contrariedades.»

Assim se referiu ha poucos meses, ao desditoso missionario, o chefe da missão *Camões*, sr. Carlos de Lacerda.

No oficio em que nos dá conta da doença e falecimento do malogrado agente de civilização, ainda o mesmo funcionario se lhe refere nos seguintes termos:

«As horas de dôr e sincero pezar pelo sofrimento do companheiro infeliz, succederam-se, até que no dia 14, ás 16 horas, exalou o ultimo suspiro.

Em todos deixou um profundo pezar, porque João Ferreira era sem contestação, um bom.»

Ninguem, em tão juvenil edade, tem uma biografia mais formosa.

João Ferreira era um môço nos anos, mas um velho na ponderação do seu pensar e dos seus actos.

Em 14 de agosto findou aquéla existencia que tantos serviços viria ainda a prestar á sua Patria, servindo a causa das missões e honrando o Instituto que para as luctas da civilização o educou e preparou.

Sobre a sua sepultura, que os seus discipulos, as pobres creancinhas do Instituto Elias Garcia e da Escola d'Artes e Oficios, orvalharam com as suas lagrimas, desfolhamos nós os goivos rôxos da nossa saudade e da nossa dôr!

A nossa acção civilizadora

ESTE artigo é a sequencia do que publicámos no ultimo numero deste boletim tambem da auctoria do sr. Henrique Costa, em polemica com o sr. Trindade Coelho.

Apesar de publicado já em abril, as suas considerações são de actualidade e sempre oportunas e reveladoras do estudo que o ilustre escritor que o subscreve vem fazendo do problema colonial, neste seu interessante aspecto: por isso e com muito prazer aqui o transcrevemos:

«*Sr. redactor de «A Manhã»*

Notei já, ha muito, que bastas vezes não é precisamente daqueles em quem seria um tanto natural uma tal atitude, que partem os mais demagógicos ataques contra o espirito de livre pensamento e consciencia, contra a sinteze laica — politica, educativa, ou artistica ou filosófica, ou o que fôr. Assim, por exemplo, eu leio ás vezes *A Cruzada do Rosário*, e confesso que nunca encontro nas paginas desta publicação, essencialmente religiosa, coisa que me rompa os nervos. Ainda ha pouco, o sr. bispo de Moçambique, entrevistado, produziu opiniões absolutamente tolerantes, indo até ao ponto de dizer que admitia perfeitamente a concorrencia das missões laicas, se bem, que, lógicamente, lhes não encontrasse eficácia. Pois que poderia dizer em boa verdade, o bispo de Moçambique? Defendeu o seu criterio, mas sem sectarismo. Contrariamente, porém, vejo que os mais furiosos ataques contra o criterio laico e a mais pertinaz — por vezes nem sempre lial — defeza dos interesses da igreja saem de criaturas laicas (leigas). Eis, pois, porque o Veuillot realista é engenheiro ferro-viario e o Veuillot da Republica um interessante homem de leis; entre um e outro, pairando nas meias tintas, um fulgurante literato, academico e jornalista, porta-voz brilhante da *sensiblerie* nacional. . . Como pode bem ser que o distinto panegirista da *regressão* em Portugal, sr. dr. Trindade Coelho, não tenha lido a minha

resposta, em *A Manhã*, de 3 de Fevereiro passado, ao digno bispo de Moçambique, tomo a liberdade de para aqui transcrever alguns pontos que se me afiguram interessantes — acrescentados de todo o ineditismo que sobre o assunto possuo. Antonio José de Sousa Barroso, o grande missionario ha pouco falecido, communicou á Sociedade de Geografia, em 7 de Março de 1889, o que segue:

> Duro é confessá-lo, mas é a verdade: o cristianismo não assimilou o indigena e deixou apenas tradições da sua passagem entre as populações do Congo. Passou como as chuvas torrenciais que apenas humedecem a primeira camada, deixando o sub-solo ressequido e estéril. As missões, sem o trabalho, não podem dar resultado. O missionario isolado em Africa pouco póde fazer de bom. Morre de nostalgia e aborrecimento. O preto que foi ouvir a sua catequese, mas que não compreendeu as verdades que lhe são reveladas, vem um dia, por curiosidade, mas não volta. *No fim de dez anos de catequese, por este sistema, está tão selvagem como no primeiro dia.* A falta do elemento feminino é fatal para a educação da mulher indigena. Por mais zêlo que o funcionario empregue na educação da preta, nunca conseguirá o que consegue a mulher educadora. As nossas missões precisam de um novo elemento; necessitam do irmão leigo — do lavrador e do artista. As missões sem o trabalho não podem dar resultado.

Sempre a obsediante palavra, ate na boca dos ecclesiasticos — laico, leigo, de par com a descrença na eficácia da mera imposição espiritualista. Pois bem! As palavras do grande português e do grande missionario, que inegavelmente, á semelhança de Ferreira, Medeiros e outros, honrou extraordinariamente a sua fé, referem-se á colonização do Congo que, começada em 1490 e sucessivamente exercida por congreganistas de Santo Eloy, pelos jesuitas que naquelas paragens construiram uma famosa catedral, pelos beneditinos e pelos barbadinhos italianos, padres do Espirito Santo e *tutti-quanti;* ali se exerceu dominadoramente sob a protecção do rei do Congo. E a que foi assistir Barroso, em 1880, nessas regiões longinquas? A' pulverisação, á quasi desaparição dessa obra grandiosa, e então a mágoa enorme de Barroso, exteriorizou-se por aquele punhado de verdades que acima transcrevo: *o cristianismo passou, ali, como as chuvas torrenciais apenas...*

Mas ainda ha pouco tempo, em 1914, 48 padres da prelazia de Moçambique assinavam uma representação concebida nos termos seguintes:

> «Pouco ficou de tantos trabalhos e sacrificios. Mas não é pela ruína que se pode avaliar da excelencia da construção. A obra dos antigos missionarios foi, na verdade, um edificio erguido sobre a areia movediça da paixão dos cafres. Hoje nós reconhecemos e foi a lição do passado que nos instruiu que, para que frutifique no animo do indigena a palavra da Vida, é necessario que ele tenha subido já uns graus na escala da civilização. Evangelizar um selvagem, deixando-o no mesmo estado de barbarie, equivale a construir sobre areia. Uma leve brisa dará em terra com o edificio. Foi o que sucedeu!»

A imprescindivel ante-preparação material, para que frutifique um pouco a sugestão moral... E na obra de Capelo e Ivens, *De Benguela ás Terras de Iaca*, lê-se o não menos edificante periodo:

> «Ensinar de seguida o indigena a fazer a charrua, a extrair o ferro pelo modo mais aproveitavel... O negro, desde o primeiro dia que avistar o

missionario, deve ver nele, não o *n'ganga* (feiticeiro) revestido da preta sotaina, absolutamente dispensavel, e de formulas mais ou menos misteriosas, mas um guia superior, carinhoso, juiz recto, de cuja acção só resulte para ele o bem e a felicidade. Nesse dia, há de infalivelmente encontrar um mestre, não disposto a indicar-lhe com alambicado misticismo o caminho do céu, mas a pô-lo á altura de satisfazer os manejos de uma primeira industria».

Sem espirito de *révanche*, dr. Trindade Coelho: serão estas declarações perentórias, filhas da mais dolorosa experiencia, fumigações censuraveis do clubismo vermelho, revolucionario, herbertista? Barroso, os 48 padres e Capelo e Ivens usariam barrete frigio e empunhariam o chuço das alfurjas em que enxameiam os discolos?

* * *

Na sua incíclica aos povos — especie de prece fervorosa ou *rappel* de alarme á inteligencia dos republicanos transviada ao jacobinismo e á obtusidade — o ilustre colonial Jaime Teixeira refere estas palavras atribuidas ao sr. dr. Alvaro de Castro:

«Sou inteiramente favoravel ás missões catolicas portuguesas, porque entendo que as missões laicas só terão acção eficaz nos territorios onde a colonização branca é possivel».

Eu tenho aqui, á minha vista, as declarações — alargadas, mais vastas, que não deixam lugar o confusão alguma — do sr. dr. Alvaro de Castro e, em minha consciencia, elas só veem ajudar a minha defeza das missões laicas! Começa o dr. Alvaro de Castro por me dar a novidade — o que realmente desconhecia — que a ideia das missões laicas foi da autoria do dr. Julio de Vilhena, que não creio estigmatizado pelo herbertismo clubista, e em seguida diz:

«Não sou, como muitas pessoas imaginam, um adversario das missões laicas, embora julgue que o seu papel é muito diferente daquele que teem desempenhado e desempenham as missões religiosas. O que eu reputo antipatriotico é querer anular as missões religiosas quando tantos serviços elas podem prestar e ha nas nossas colonias campo para todas as actividades. Alem disso, julgo que as missões religiosas estrangeiras só podem ser eficazmente combatidas por missões religiosas portuguesas».

Ora ahi está. No meio disto tudo, chega-se á conclusão de que as missões religiosas portuguesas, as considera o dr. Alvaro de Castro *eficazes para combater as estrangeiras* e que teem um papel diferente a desempenhar do atribuido ás missões laicas. E, tambem, que ha campo para todas. Mas já se disse alguma coisa em contrario disto, no *Boletim das Missões Laicas?* Já lá se pediu outra coisa mais do que liberdade para todas? Já não ficou estabelecido nas suas paginas que as missões laicas teem fins e processos diferentes das religiosas? Mas esta carta vai longa. Na proxima e definitivamente a ultima carta, diremos o que resta.»

Henrique Costa

Movimento Escolar da Missão "Patria"

(SÉDE)

ALUNOS MATRICULADOS

Novembro	6
Dezembro	22
Janeiro	20
Fevereiro	20
Março	23
Abril	21
Maio	27
Junho	39

Sucursal de Dackalo

Maio	22
Junho	20
Frequencia maxima	40
» minima	37
Presenças médias diarias	21

MOVIMENTO DA AMBULANCIA

(NA SÉDE)

Novembro

Homens..... 116 = Mulheres..... 6 = Creanças..... 19

Dezembro

Homens..... 260 = Mulheres..... 70 = Creanças..... 83

Janeiro

Homens..... 324 = Mulheres..... 70 = Creanças..... 51

Fevereiro

Homens..... 225 = Mulheres..... 15 = Creanças..... 5

Março

Homens..... 278 = Mulheres..... 25 = Creanças..... 18

Abril

Homens..... 82 = Mulheres..... 28 = Creanças..... 10

(NAS POVOAÇÕES)

Novembro

Homens..... 14 = Mulheres..... 6 = Creanças..... 14

Dezembro

Homens..... 30 = Mulheres..... 27 = Creanças..... 12

VACINAÇÃO

Dezembro

Homens..... 106 = Mulheres..... 270 = Creanças..... 200

Janeiro

Homens..... 55 = Mulheres..... 445 = Creanças..... 185

Total dos curativos 2:790

Total das vacinações 1:261

PAMBA. Missão "Cinco de Outubro"

EM DEFEZA DAS MISSÕES

TENDO sido publicada no *Diario de Lisboa* uma entrevista em que se faziam referencias menos justas ás missões laicas, o sr. dr. Abilio Marçal enviou áquele jornal a seguinte carta:

Sr. director:

«Embora leia habitualmente o *Diario de Lisboa*, só agora, por motivo de uma pequena ausencia da capital, tive conhecimento da publicação duma entrevista com o distincto oficial da armada e meu presado amigo Peres Trancoso.

Nela é abordado o problema da civilização dos nossos dominios ultramarinos e lhe é atribuida a afirmação de serem «absolutamente inuteis» as missões civilizadoras laicas.

Sem quebra da minha consideração pelo jornal e pelo entrevistado, permita-me ponderar que a acusação é que é «absolutamente sem fundamento».

Deve ter havido equivoco.

As missões laicas não tiveram ainda tempo de dar as suas provas, de utilidade ou inutilidade, nem essa prova é possivel no curto espaço de tempo de pouco mais de um ano, que tanto é o que elas têm de Africa.

Muito bem o sabe Peres Trancoso, que é espirito esclarecido e mui ponderado.

Cêdo demais é, pois, para as julgar: todavia, todas as indicações, felizmente, são já no sentido de nos podermos permitir a segura confiança na eficacia da sua acção e em que elas realizarão o seu objectivo e bem saberão corresponder aos fins da sua instituição.

* * *

Em Angola existem, por'ora, sómente duas — a *Cinco de Outubro* e a *Candido dos Reis*. Aquela demorada em Pamba, provisoriamente, pois era sitio improprio para a sua instalação, foi ha poucas semanas transferida para Mussólo, 150 quilometros mais para o interior e para ai deve ter partido já.

A' *Candido dos Reis* foi destinado o sul da provincia. Atravessou o Humbe, o Cuamato, o Evale, os Cuanhamas, passou o Cunéne e, 600 quilometros andados, fixou-se em Ompanda, como lhe fôra ordenado. Feita a instalação, seguiu o chefe, Alvaro de Oliveira, com o pessoal disponivel para o Hoque, a 100 quilometros do Lubango, onde está fundando uma sucursal com os agentes Adriano, Judith e Manuela, tendo ha pouco destacado para a Humpata, a fundar outra sucursal, os agentes Correia da Silva e esposa, ambas estas recentemente criadas por diploma do Alto Comissario.

Desta maneira, é agora que vai começar a acção destes organismos civilizadores.

Esperemos, pois, sem impaciencias nem agastamentos.

No Hoque está-se construindo a casa, começada em 3 de junho; o pessoal para a Humpata talvez a estas horas ainda lá não tenha chegado. Em Ompanda, sob a direcção de Ilidio Correia, um moço de infatigavel actividade e apaixonadamente dedicado á causa da civilização, ja a missão se começou a revelar e a afirmar a sua acção. Tem la 5 oficinas em laboração, uma escola com grande frequencia e uma ambulancia que á higiene e ao tratamento dos pretos excelentes serviços tem prestado.

Na sua frente, na zona neutra, tem ela já uma missão alemã, cuja acção tem de contrariar e inutilizar.

E' uma das que, antes da guerra, por lá estiveram com o exito de propaganda desnacionalizadora de que todos devemos estar bem tristemente lembrados.

Não podem elas, pois, ser acusadas de ociosidade, nem me parece que indicios tenham dado, ou *esperanças*, de virem a cair em inutilidade.

São portugueses que por lá andam, pelo sertão africano, percorrendo milhares de quilometros, com alguma abnegação e algum sacrificio e sem duvida com viva fé no resurgimento e futuro da sua patria.

Onde eles estiverem e hastearem a nossa bandeira e ensinarem a nossa lingua e prégarem as nossas glorias, está Portugal afirmando a sua soberania, ocupando os seus dominios e vibrando na alma do gentio, que, nascendo em terra portuguesa, portuguêses são tambem.

E, ao mesmo tempo, nós vamos por esta forma afirmando o nosso esforço e mostrando ao mundo os nossos propositos honestos de cumprirmos os pactos internacionais que subscrevemos, o ultimo dos quais em Saint Germain-en-Laye.

Mais que essas missões não fizessem, uma grande obra levam já realizada, que não é decerto «absolutamente inutil.»

São sobretudo portugueses!

Se não lhe queremos dar os carinhos do nosso estimulo e do nosso apoio; se não lhes podemos dar a protecção que as outras potencias coloniais dão ás suas, sem cogitarem se elas são religiosas ou laicas,, catolicas ou protestantes, poupemo-las, ao menos, aos dissolventes desanimos do nosso pessimismo e aos duros agravos das nossas injustiças.

Dêem-lhes tempo. Aguardemos os seus actos, e em face deles julguem-n'as então, sem benevolencias, mas sobre factos e sem más prevenções.

A *Candido dos Reis* foi ha pouco visitada pelo residente inglês: tenho pena de não ter á mão, para as transcrever aqui na propria lingua, as palavras de elogio que ele dirigiu á missão e ao seu esforço, e de admiração por Norton de Matos.

E' sempre assim: é do estrangeiro quo nos vêm as primeiras palavras de justiça.

Têm praticado erros?

Padecido de imperfeições?

Bem possivel é. E que admiração, em uma instituição de tão complexos fins, que se está lançando e dando os seus primeiros passos, ás vezes sem o amparo duma mão firme e amiga! Nem todos terão tido a sorte de encontrar um governador inteligente e patriota como o da Huila, sr. Freire Quaresma! Mas isso não é motivo para as acusar, e sómente para aconselhá-las e melhor as orientar.

Em Moçambique existe maior numero de missões, e delas poderei dar identicas informações quando á discussão elas venham a ser chamadas.

Sobre a decadencia das missões religiosas, tambem referida na entrevista, observarei apenas que a culpa de tal situação não pode ser atribuida á Republica, que, pelos decretos n.os 5.778 e 6.322, (1) lhes concedeu beneficios e uma situação como elas nunca tiveram nem talvez esperassem. E pelo que respeita ás de Angola ainda essa situação lhes foi recentemente melhorada em dois diplomas do sr. Norton de Matos, que neles bem deixou vincado o superior criterio e rasgada iniciativa com que está dirigindo os destinos e fazendo o engrandecimento daquela nossa colonia.

A causa deve ser outra...

Muito agradecendo a v. a publicação, que me permite pedir-lhe, desta carta, subscrevo-me com elevada consideração,

De v. etc.,

23-7-922.

Abilio Marçal»

(1) A que poderiamos agora acrescentar o decreto n.º 8.351.

MISSÕES CIVILIZADORAS EM AFRICA

AS NOSSAS MISSÕES LAICAS OU RELIGIOSAS SÃO UM PODEROSO ELEMENTO DE DEFEZA NACIONAL

A proposito da publicação de dois decretos sobre organisação, dotação e ampliação das missões do «Instituto de Missões Coloniais» de Sernache do Bomjardim, é algo interessante elucidar os nossos leitores sobre o que tem sido, o que pode e deve ser a acção das missões, laicas ou religiosas, no Ultramar.

A Republica, após a sua implantação, dando um belo e inteligente exemplo de tolerancia, tem seguido um criterio logico, apoiando o desenvolvimento das missões, qualquer que seja o seu credo religioso, visando sempre fazer despertar no indigena o amor pela soberania portugueza.

O Instituto de Bomjardim, em menos de dois anos, tem enviado as missões seguintes:

Para Angola: as missões «Cinco de Outubro» e «Candido dos Reis», a primeira com séde em Mussolo e a segunda em Ompanda, com 4 agentes cada uma, e sucursaes no Hoque e na Humpata.

Em Moçambique estão as missões: «Miguel Bombarda» com séde em Xinavane Taninga; «Patria» com séde em N'Hambel; «Camões» com séde em Moçambique sob a chefia de Carlos Correia de Lacerda, que tambem está dirigindo a escola de artes e oficios, e o Instituto Elias Garcia, com séde em Gabaceira, dirigido por D. Leopoldina Correia de Lacerda, Todas estas missões teem um numero consideravel de sucursaes e agentes espalhados em diversos locaes da colonia.

Por decreto do alto comissario de Angola, de 10 de março de 1922, foram criadas mais quatro missões: em Dambra, Carrai, Norte, Alto Zambeze e Luambo.

São dignos da maior simpatia de todos os portuguezes os missionarios que, sujeitos a todos os perigos e sacrificios, abraçam carreira tão benemerita como patriotica.

APESAR DA FALTA DE RECURSOS, AS MISSÕES PORTUGUEZAS TEEM INSTALADO ALGUMAS ESCOLAS E OFICINAS

Segundo noticias sucessivamente chegadas da Africa, sabe-se que as missões laicas, apesar da exiguidade das suas dotações, teem consegui-

do instalar-se, acarinhadas pelas autoridades e europeus, abrindo escolas e oficinas. Principalmente a acção medica, rudimentar, mas geralmente de exito, tem atraído inumeras simpatias ás missões por parte da pobre gente negra, que eleva os missionarios á categoria de «n'gangas» (feiticeiros). Não admira que os agentes sejam bem sucedidos nos seus tratamentos, pois a sua permanencia em Sernache enriquece-se de conhecimentos no contacto de casos estudados na secção medica do Instituto. Em menos de um ano ali passaram 1:087 individuos de ambos os sexos, tratados gratuitamente n'aquele estabelecimento, tendo-se apresentado alguns casos realmente dignos de nota, e do que vale esse ensino pratico dizem os agentes em correspondencia para a metropole. No Instituto de Sernache, e isso é oficialmente assente por um decreto que acaba de saír, ha tambem um curso especial para o sexo feminino, de preparação missionaria.

Não deve isto surpreender, pois as nossas missões laicas adotam o criterio das missões protestantes. Envia o Instituto, preferentemente, para a Africa agentes casados ou irmãs de agentes, sempre em companhia de seus irmãos e maridos, porquanto uma das razões do grande triunfo das missões inglezas e americanas é, tambem, o poderem dar o exemplo pratico da familia, ao mesmo tempo que conseguem que os carinhos femininos atraiam o negro ao convivio dos missionarios. No ensino da criança indigena, por exemplo, a acção da mulher é decisiva. E este aspéto, tambem, uma alta noção de moralidade dada aos indigenas.

As missões teem aberto oficinas e escolas, procedido a trabalhos de instalação e reconhecimento dos locaes, no que teem perdido a maior parte do seu tempo. Assim, em novembro de 1921, a missão «Candido dos Reis» comunicava ter aberto oficinas de serralheiro, funileiro, alfaiataria e roupa branca, carpinteiro e encadernador. O agente chefe declara que o indigena se sente atraído por toda a especie de noções praticas, que são o mais poderoso auxiliar dos ensinamentos verbaes. A missão «Patria» abriu uma escola a que concorreram, desde logo, 20 alunos; e lastimava-se o agente-chefe por não poder proporcionar aos pretitos confortos materiaes, em alimento e vestuario, por exiguidade de dotação. Felizmente que o Governo da metropole acaba de melhorar as dotações a toda a especie de missões, religiosas ou laicas, o que testemunha a grande vontade que o Governo da Republica tem de desmentir os que, cá e lá fóra, persistem em teimar que não existe acção civilisadora portugueza. As restantes missões teem procedido de fórma identica, no que respeita a instalação de oficinas e escolas.

O DESENVOLVIMENTO DAS MISSÕES LAICAS E RELIGIOSAS CONTRIBUIRÁ PARA A DEFEZA DO NOSSO DOMINIO COLONIAL

A acção das missões e a do Instituto que as prepara é estruturalmente moderna e segue o criterio das opiniões mais autorisadas a tal respeito. A unica fórma de integrar o indigena na civilisação européa é fazel-o ingressar em toda a especie de actividade material que, pela sua

acção insufismavelmente convincente, lhe prepare o cerebro para receber outras noções e outros sentimentos de que até então eram mais ou menos desprovidos. Assim, a oficina, os trabalhos de economia domestica, os tratamentos medicos, a escola, onde se trabalhe o sentimento e o raciocinio do negro, os confortos materiaes, o fornecimento de alimentação, panos etc., são as grandes alavancas de penetração e triunfo das missões estrangeiras que só vêem a sua acção coroada do melhor exito pelas magnificas dotações que possuem, pelas principescas instalações e por certas habilidades acessorias de que se servem para atrair o negro e, muitas vezes, convertel-o aos seus designios.

A correspondencia dos missionarios é das mais interessantes; a cada passo eles apontam o perigo do missionarismo estrangeiro, a acção perniciosissima das «mafundiças», ou negros assalariados e maus propagandistas, pedindo que os governos olhem para este magno problema com profunda atenção, sem o que pessimos dias poderão estar reservados a nossa soberania.

Este assunto das missões laicas e religiosas em Africa deve ser visto por todos os portuguezes com olhos carinhosos e inteligentes, pois vae n'ele, em grande parte, o perstigio da Patria portugueza.

AO "SECULO"

Ao importante jornal português, donde transcrevemos o artigo que antecede, agradecemos as boas referencias que nele faz a este Instituto.

Tão mal acostumados estamos a vêr tratar na imprensa diaria este problema da civilização das nossas colonias, que foi com bem agradavel impressão que vimos um jornal de importancia e auctoridade, como incontestavelmente é o *Seculo*, abordar este assunto com bom conhecimento e são criterio.

Nos outros paizes, até nos que não teem colonias, como a Suissa, a causa da civilização das raças africanas desperta vivo interesse, de que resulta a fundação de associações com o fim de organizarem missões que, a expensas suas, vão para o continente africano a trabalhar nessa obra humanitaria. Essas missões partem sempre com o aplauso e o entusiasmo das suas nacionalidades, que lhes dispensam os seus carinhos e lhes vão mandando dadivas valiosas, que são sempre, ao mesmo tempo, um estimulo e um auxilio, e mais do que isso, a afirmação de que com esses pioneiros, perdidos no sertão africano, está a sua patria, acarinhando-os e aplaudindo-os.

E' assim que essas missões são grandes e realizam prodigios.

Entre nós, quem é que se lembra das missões portuguêsas que por essa Africa dentro andam a prégar o nome de Portugal, a afirmar a sua soberania e a ensinar a sua lingua?

O *Seculo*, que com elevação vem tratando os mais complexos problemas da vida nacional bem fez em abordar este, de tamanho interesse para a nossa existencia colonial.

Viagem ás Praças do Norte

III

De Mormugão á fronteira do território de Goa

Durante a paragem do combóio na estação de Majordá, ao ver afastar-se o casamento cristão, pensava eu nos usos e costumes dos cristãos indianos e na civilização que lhes levámos e que eles, na maior parte, tão mal assimilaram.

Para o cristão abastado de Goa os filhos são, em regra, uma riqueza, as filhas um pesadelo.

Vejamos.

Em volta duma aldeia as terras de cultura pertencem quási sempre á «comunidade» da mesma aldeia. E a comunidade, como associação agrícola que é, de organização obsoluta, explora as várzeas de arroz, geralmente por processos primitivos, entregando as culturas, por arrendamento, ás castas operárias dos sudras e dos corumbins.

Todos os filhos varões dos «joaneiros e goncares» participam igualmente do rendimento da comunidade da sua aldeia, em chegando a uma determinada idade.

Não é herança paterna. E' o direito á terra pelo nascimento.

Daí resulta a riqueza que os filhos machos trazem para o casal.

Sob o ponto de vista económico, a mulher prolifica não agasta, portanto, o marido quando a sua prole segue para a direita, isto é, para o ganha-pão.

Mais ai dela se descamba para a esquerda e só procria fêmeas!

E' que as filhas não recebem quinhão do rendimento da comunidade. Alem disso, para casarem é preciso um dote. E o dote, embora considerado como herança, representa sempre um desfalque avultado na fortuna do pai.

Durante a minha estada em Goa, suicidou-se no concelho de Salsete uma parturiente, devido, dizia-se aos ralhos do marido, por ela só dar á luz raparigas!

Ora o goano não vive somente do lucro da venda do arroz, isto é, do rendimento da comunidade. Possui tambêm palmares, cujo fruto, o côco, vende bem vendido, tirando da venda um rendimento de centenas ou milhares de rupias.

O rendimento do côco e do arroz, acrescentado ás vezes com

o dumas moradias de casas que se acham arrendadas em Pangin, permite ao indiano instruir os rapazes e dotar as raparigas, sem grande sacrifício.

De resto a instrução dum rapaz em Goa não custa aos pais os olhos da cara, como custa em Portugal. Não. Com a sua alimentação parca de arroz e caril, com a sua esteira por cama, fatos leves de algodão e escolas comezinhas, o estudante indiano instrui-se sem preocupações económicas, embora não seja rico, como geralmente não é. Por outro lado, os mais necessitados encontram facilmente outros estudantes que os tomam como «explicadores». E, ao deixar os estudos, enquanto não arranjam colocação como «praticante gratuito» de qualquer repartição, primeiro passo sorrateiro para o *Eldorado* do funcionalismo, facil lhes é encontrar lugar de «preceptor» de meninos em casa de viuva abastada.

Consta-me que a freqüência nos três liceus de Goa anda hoje, por cêrca de dois mil alunos.

Indubitavelmente serão amanhã dois mil candidatos aos emprêgos públicos, dois mil membros do proletariado intelectual, agarrados ás abas do casaco dos influentes políticos, para alcançarem um lugar á mesa do orçamento, não só na India que não comporta tanto funcionário, mas ainda nas outras colónias e até na metrópole, como já se está vendo.

Bom seria que o Govêrno mudasse o rumo dos estudos dos indianos, na India, convertendo os liceus em escolas agrícolas e industriais.

Não faço esta sugestão por ódio aos filhos da India, note-se bem. E' a minha maneira de ver, em seu proprio interesse e para o bem geral da nossa Pátria.

Eu bem sei que o sistema do morgadio disfarçado que muitos mantêem para evitar, é claro, o esfacelamento da propriedade e a concomitante pobreza da familia, impele os irmãos do primogénito para o estudo, para a burocracia.

Muito bem! Porque é que o mesmo facto os não atira para o estudo, sim, mas para o estudo de outras carreiras mais sadias e lucrativas como são a da agricultura e da industria, de que o Estado da India tanto carece?

Evidentemente por falta de escolas especiais, que dependem apenas duma simples conversão com a necessária substituição do pessoal.

*
* *

Usualmente o brâmane, destinando o filho mais velho para *morgado*, isto é, para herdeiro universal da casa, compensa os restantes filhos com as carreiras de padre, professor, médico, advogado, agrimensor, funcionário de finanças ou empregado das obras públicas.

Quanto ás filhas, é necessário casa-las com o melhor marido que se possa arranjar, já se vê.

O pai deita as suas vistas para um rapaz casadoiro, da sua casta, com fortuna equiparada á sua ou emprêgo público proporcional.

Quando o pai se não acha com coragem para ir em pessoa sondar a família do moço, envia disfarçadamente um emissário, que começa por exaltar as virtudes e as prendas da menina e o quantitativo do *dote* que o pai tenciona dar-lhe. Se o casamenteiro encontra na família do escolhido noivo disposição favoravel para a pretendida ligaçao matrimonial, enceta-se, em seguida, o *negócio* do casamento.

GOA - O banho corrido

Desta forma, a mulher indiana não casa, por via de regra, com o eleito do seu coração, mas com o primeiro machucho que os pais escolheram para seu marido, olhando sobretudo á fortuna ou ao emprêgo que êle tem.

No contrato do casamento, o dote, representando como representa a herança da noiva, é objecto de grande discussão entre as partes contratantes, chegando muitas vezes os procuradores da noiva a atribuir o defeito de bêbado ao noivo e os dêste a caluniar a noiva com suspeições relativas ao namorico dum primo. Descreve-o *Gip*, pseudónimo dum indiano de Margão, num esboço de romance com scenas da vida de Goa, (1) a que já me referi.

Também é da praxe mofar do valor das prendas que a noiva traz consigo quando casa.

No ajuste do casamento de *Jacob* e *Dulce*, Gip pinta vivamente um padre, tio do noivo e ronha muito grande, que procura habilidosamente levar o pai da noiva a aumentar o dote á filha.

Não resisto á tentação de transcrever um bocadinho do romance de Gip, para o leitor apreciar a maneira como é discutido o dote nas negociações dum casamento cristão na India.

Ei-lo:

«Salvador Pereira, como homem moderno e desabusado, não quiz intermediário, e também o padre Dantas, por se fiar em demasia na sua prática de comprar cebolas no bazar.

(1) «Jacob e Dulce», por Gip.

«Desceram pessoalmente á estacada; quizeram terçar armas de vizeira erguída.

«Em um dos dias de Janeiro de 188... Salvador apareceu subitamente em casa dos Dantas, á boca da noite.

«O advento inesperado duma visita de etiqueta na Índia, causa muitas vezes mais confusão em uma família, do que a queda duma bomba de dinamite no meio da casa que ela habita.

«Como o modo de se vestir do índio não é o mesmo em casa e na rua, o individuo que recebeu a visita dum sujeito vestido com todos os requintes de moda e de luxo, pode ir encontrá-lo em sua casa de *lanyotim*.

«Há destes contrastes neste país, com que o europeu deve contar, para não ficar espantado e depois falar mal da Índia.

«Salvador esperou no repartimento que aqui costumamos chamar *sala de entrada*; mas em posição tal que Jacob, que estava com pés descalços e sem camisa não podia ir buscá-la e mais os chinelos, sem ser visto por êle naquele desgraçado estado.

«D. Especiosa deu um pulo, sem ser vista supunha ela, e correu a mudar o seu fato sujo com farelo de bate, quando tomava contas ás piladeiras.

«O padre conseguiu aparecer de batina branca, sem alevantar no espírito de Salvador sombra de suspeita que a sua predecessora fôra a um *cabaia*.

«Os criados buscavam acender, em vão, um candieiro que estava na sala. Este candieiro, havia um ano que gozava dum repouso, a que a sua provecta idade longos serviços e provada virtude davam direito.

«Mas lá se arranjaram como puderam.

«Depois dos cumprimentos do estilo, Salvador Pereira começou, em ar confidencial:

«— A tenção de minha mulher e minha foi sempre pôr a minha filha sob a protecção da sr. D. Especiosa, que é geralmente conhecida em Breda como uma senhora virtuosa, — mentia Salvador, — de maneira que Raguazinha se contristou muito; quando soube que havia dificuldades...

«— Estas dificuldades, meu amigo são insignificantes; o que o amigo dá em dote, não é certamente para meu sobrinho, é para sua filha. Ora 7 mil rupias parecem poucas para Jacob,— contradizia-se o padre. Êle é rico, bem conceituado e em linda posição..., acresce a isso o ser *sangue real*, e já tem tido propostas com 10 mil rupias, que ainda estão pendentes, redarguiu o padre, pagando mentira por mintira.

«— Não duvido, replicou o Salvador: mas não tenho mais de 7 mil rupias, meu amigo. Sou pobre. Isto mesmo que prometi, não sei donde arranjarei... E se ofereci tanto, foi simplesmente por causa do talento do sr. dr. Jacob, (1) e porque sei que êle ha de ser bom para minha filha — apezar de que Dulce tem sido por várias vezes pedida... Mas eu que não gosto destes casamentos de namoro, que têem dado maus resultados

«— Péssimos!... Péssimos! atalhou o padre com desusada veemência. Eu sou partidário do sistema antigo, que provou sempre bem... Este modernismo ...estas meninas modernas!...borboletas!...

«— Borboletas! perdão, senhor padre Antonio; a minha filha, coitadinha, é muito inocente. Ela está todo o dia ao lado da mãe, ou ocupada com piano, costura, inglês e arranjos domésticos. Admiro como aquela menina tem tempo para tudo.

«— Conheço sua filha, interrompeu o padre; é bem educada e instruída, e por isso mesmo cumpre não privá-la de cousa alguma, diz S. Agostinho. Hei-de comprar-lhe piano, máquina de costura, vestidos superiores e o que ela quizer porque sei o luxo com que se vive em casa do amigo... Mas tudo isto custa dinheiro... e quanto dinheiro?... E espero que o amigo há-de ajudar com alguma coisa pelo menos com mais mil rupias.

«Salvador percebeu que estava pilhado, mas não se desconcertou.

«— Ora essa, disse êle, êstes objectos não se compram com o dote; o sr. Ja-

---

(1) Doutor?!...Advogado feito á pressa na India...

cob pode ficar obrigado a repôr no caso de óbito... Êstes objectos sei eu muito bem que o sr. dr. Jacob há de comprar com o seu ganho pessoal...

«—Sim... sim, murmurou o padre atrapalhado com a manobra do Salvador. Mas nestes ganhos não se pode fiar... Há doenças... E peço que repare... creio que o sr. Aleixo Pereira, seu avô...

«—Já sei... é uma calùnia isto de tuberculose, mentiu êle; é peta como isto de dizer que o pai do sr. Jacob morrera bêbado, replicou Salvador pagando piada por piada.

«—Parece incrivel que o sr. Salvador esteja pegado á sua primeira palavra tão tenazmente.

«—E' meu custume... tenho única palavra.

«—Neste caso fico de consultar minha cunhada, e dar-lhe ei resposta mais tarde.

«Ficaram nesta altura as negociações.»

*

* *

Mas a cerimónia do casamento, para que são convidados todos os parentes e amigos intimos, incluindo algum europeu de categoria para ornamentar a mesa como *jarrão*, é coisa de estrondo!

Comidas variadas, doces, gelados, vinhos de Portugal, maduros e espumosos, á farta.

Abrilhanta quási sempre a festa um sexteto manhoso, cujos violinos soltam sons agudos, esganiçados, horripilantes.

A' noite *soirée* dançante. Imitando os bailes que os antigos fidalgos portugueses davam nos seus palácios, a dança do goano endinheirado, pelo casamento do filho ou na *torna-boda* da filha, começa tarde para ser chique. Ordinàriamente á meia noite, depois dos músicos se terem estafado a tocar para os ouvintes da rua. E' mesmo da praxe as pessoas mais distintas serem as últimas a chegar. Quando se trata da *torna-boda*, os noivos devem chegar a casa dos pais da noiva, depois de todos os convidados.

GOA - Margens dum riacho

A' chegada dos noivos, depois dos cumprimentos cerimoniosos, distribuiem-se *sorvêtes* e dá-se começo ao baile, pela quadrilha de honra, cuja preparação é sempre bastante demorada em virtude da cuidadosa selecção que o mestre-sala tem de fazer para as cabeceiras. Finalmente a quadrilha lá se executa, bem ou mal, mas silenciosa, lenta, automática, arrastando-se as figuras marcantes com uma triteza que magoa, com um acanhamento que causa hilaridade!

No entanto, passado o momento solene da quadrilha de honra, para que indubitavelmente os estómagos e os espíritos não se achavam devidamente preparados, começa a desanuviar-se o ambiente tristonho do baile com o tropel das valsas, entremeadas de *lanceiros*, *mandós*, *contradanças*, etc., e com o cuidadoso servico dos pasteis e das bebidas circulando frequentemente pela sala e sempre á disposição de todos no *buffet*.

Á medida que a noite avança a animação recrudesce. Os rapazes mostram-se mais desembaraçados, as meninas menos tímidas e os velhos extraordinariamente loquazes.

O romper da madrugada, alvorecendo o horizonte, desperta as *gralhas* nas palmeiras e anuncia aos dançarinos e ás dançarinas que são boas horas para se retirarem, para irem refazer no descanso do *cataló* ou da esteira as perdas orgânicas daquela noitada, gosando ao mesmo tempo, nos braços de Morfeu as delícias dos sonhos doirados que as ilusões do baile provocaram...

Invariavelmente, o baile entre os cristãos de Goa termina por um soberbo *mandó*, em que homens e mulheres, novos e velhos, seculares e clérigos, tudo dança, com vivo entusiasmo e farta alegria.

Como dança clássica do cristão da India Portuguesa, o *mandó*, que nenhuma semelhança tem com as danças gentílicas das bailadeiras hindùs, parece ter sido inventado por algum padre católico, já pelo pudor que se revela na execução, já pela melancolia sentimental que envolve a música.

Com efeito, o *mandó*, é uma roda em que os homens e mulheres uns atraz dos outros, isolados, sem se darem as mãos e nem ao de leve se tocarem, vão cantarolando e girando, com uns requebros muito cómicos dos ombros e das ancas, arrastando os pés em semicírculos. E assim, embora em atitudes de bonifrates, entoando, em côro, versos em concanim, monótonos, dolentes, semelhantes aos hinos religiosos como a ladainha, divertem imensamente, preferindo a simplicidade do *mandó* á difícil execução das danças europeas.

Os estudantes de Salsête, aglomerados nas «republicas de Pangim, dançam á noite o *mandó*, em rodas só de rapazes, certamente para esquecer a nostalgia e distrair o espírito atribulado pelos rigores do estudo.

Nas aldeias de Bardez, as donzelas cristãs, cujos maridos se acham ausentes na Índia Britânica, dançam ao domingo o *mandó*, em rodas só de mulheres, gemendo os versos entre raros mas profundos suspiros, como a carpir mágoas e saudades...

Contudo êsses versos do *Mandó*, proferidos em concanim, quasi

sempre contrastam com a religiosidads da música pela brejeirice da letra, como êste:

«Mogá ió, mogá ió, tum ió,
Mujan sonsun nuzó
Mogan martá uzó (1)

*
* *

Mas não é só nos versos brejeiros do *mandó* que o índio encontra voluptuosidade; acha lúbrico o menear das ancas, como os africanos no batuque...

A falar a verdade o *mandó* parece-me uma dança de eunucos com música de igreja! — respondi, dando uma gargalhada, a um velho índio muito baboso, que uma vez mostrou grande desejo em conhecer a minha opinião sincera ácêrca da sua afamada dança clássica.

—Oh! que diz?!— exclamou o índio espantado. Que bonito! No *mandó* o homem parece mesmo o galo atrás da galinha!...

*
* *

Não obstante ser dolente e quasi cerimonioso, o *mandó* redunda ás vezes numa espécie de cegada entusiástica, em que até as pessoas de respeitabilidade perdem a sisudez, ajudando os requebros cómicos do corpo com momices do rosto. No auge do entusiasmo, os velhos padrinhos, com a circulação acelerada pelo alcool que lhes arde nas veias, esbaforidos pelo calor e luzidios pelo suor que lhes inunda a pele bronzeada, chegam a despir a vetusta casaca e a arrancar o colarinho amarrotado juntamente com a gravata de seda feita num trapo, para dançar mais á vontade.

E se algum padre entra no *mandó*? Então o espectador sufoca de riso, ao ver o tonsurado, folgazão, ágil, lúbrico, todo encharcado no suor que em bica lhe escorre dos refegos da cachaceira, lançar fora o cabeção e levantar a ponta da sotaina até á cintura, para melhor se mexer na roda!

GOA - Gentia de Canácona

(1) Vem, meu amor, vem; não posso sofrer, ardo em amor!

(Gip)

* * *

Eis o final dum *mandó*, a que uma vez assisti como espectador, é claro.

— Oh J' sé irmão?! Oh *rabe*, *rabe*! (espera, espera) — gritou em concanim um dançarino, que andava esbaforido na roda, dirigindo-se naquele tom fraternal muito em voga entro eles, a outro que se esgueirava para a cozinha, no intuito evidente de molhar a goela...

—*Ió*, *ió*, *ióóó*! (vem, vem, vem) — respondeu, berrando, também em concanim, o sequioso, sem olhar para traz.

Foi como se houvesse produzido um toque de retirada. Os homens precipitaram-se para a cozinha e as damas cairam derreadas nas cadeiras.

(Continúa) **Manuel Antunes Amor**

MISSÃO "REPUBLICA"

No *Diario do Govêrno*, n.º 25, 2.ª serie, vem publicado o despacho que exonéra José da Silva de chefe da Missão *Republica*.

Para este logar foi proposto o agente da Missão *Camões*, Antonio Alberto de Moura, que para ali deve seguir em breve com a auxiliar Ernestina Moura.

Esta missão, que tem a sua séde em Ile, no Luá, com estes novos elementos, que vae receber, e com outros, tambem valiosos, que em breve para ali seguirão, vae entrar em uma nova fase de actividade, saindo da inação em que uma chefia infeliz a precipitou.

E porque de valor é tambem o primitivo pessoal que nela ficou, a *Republica* saberá cumprir o seu dever e ha de afirmar-se um grande organismo civilizador.

Em breve ficará, pois, habilitada a crear sucursaes, começando, assim, a alargar o seu campo de influencia e a intensificar a sua acção civilizadora, na realização do seu objectivo, que tem de compreender, naquela região, a defeza do nosso prestigio e da nossa soberania, contra missões estrangeiras, umas que ali existem e outras que vão estabelecer-se.

Ela saberá bem elevar-se ás suas responsabilidades e a elas corresponder.

CORRESPONDENCIA

DAS

MISSÕES CIVILIZADORAS

Da Missão "Patria"

N'hambel, 7-8-922

Ex.mo Sr.

Envio a v. os mapas de frequencia escolar desta missão central e da sucursal de Dakalo, bem como do movimento das ambulancias.

Em N'hambel, a escola abri-a no dia 22 de maio. Tem presentemente uma frequencia regular de 71 alunos, incluindo neste numero 15 do sexo feminino.

A frequencia escolar é, pois, como v. vê, animadora.

Em 16 de julho abri a oficina de alfaiataria, tendo como mestre o auxiliar que ha tempo lhe propuz.

Tenho nesta oficina 12 aprendizes, que já caseiam e cosem muito regularmente. Vão começar agora a coser á maquina. Consegui que o sr. Edil de Quissico emprestasse á missão duas maquinas de alfaiate, o que representa um grande auxilio e tudo nos permitiu aceitar a encomenda de 60 fatos de *kaki* para os cipais da Edilidade, que se estão confeccionando.

Os aprendizes frequentam a oficina com boa vontade e revelando-se com bastante habilidade. Confio que será um bom elemento da missão.

Mas não só da educação dos rapazes temos cuidado: tambem atenção nos tem merecido a das raparigas.

Em 31 de julho abrimos a oficina de costura e ensino domestico, com 15 alunas matriculadas.

Confiei a sua direcção á Mariêta, que nela tem como sua auxiliar a Maria da Gloria.

Esta ensina a cosinhar, a varrer, lavar, passar a ferro, etc.: os outros serviços de costura, engomagem, etc., reservou-os a Mariêta para si.

Para esta oficina tenho uma maquina que adquiri em Lourenço Marques.

Junto a esta, abri no dia 27 de julho uma oficina de tecelagem.

De tecelagem? E a materia prima? Que lembrança, dirá v.!

E' verdade, sr. director, é uma lembrança: por ora apenas uma tentativa, feita por mim e por minha esposa, com grande esperança

é entusiasmo e de que havemos de, sem duvida, tirar grandes resultados.

E' preciso explorar, ter iniciativa, um bocado de audacia, emfim. Isso constitue tambem um dos objectivos das missões civilizadoras — explorar e aproveitar as riquezas da terra e da flora africana.

Ora, nós temos aqui uma planta de grandes folhas, muito fibrosas, que andamos ha muito a *namorar*, e com prazer viemos a reconhecer que éla tem as mesmas propriedades e se presta ao mesmo tratamento do nosso linho — espadelar, maçar e fiar.

Tenho uma grande confiança no exito desta nossa tentativa, de que muito se orgulhará esta missão, que, quando tiver concluido os seus trabalhos e assegurada a sua experiencia, dará melhores explicações para que as outras tambem a possam aproveitar.

Já mandei vir daí um tear, sistema do Minho, para logo começarmos a tecer. Entretanto vamos fiando. E confiando...

Tecido o pano, necessario será tingi-lo... Decerto. Mas tambem á floresta africana pedimos o seu auxilio, e éla no-lo deu e bem valioso.

Depois de varias tentativas e experiencias, minha esposa encontrou a casca duma arvore, que, depois de fervida e convenientemente tratada, nos dá uma tinta de côr amarelo-escuro, semelhante á do *kaki*, extremamente fixe, resistindo a todas as lavagens e absolutamente insensivel á acção do sol, que aqui é um bocadinho mais energica do que aí...

Hei de mandar-lhe depois um bocado deste pano para v. vêr e mandar fazer umas calças... que não serão *calças pardas!*

MISSÃO PATRIA - Palhotas de cipais da Administração de Zavala

(Cliché de C. Teixeira)

Finalmente, tenho já a funcionar tambem a oficina de carpintaria e marcenaria, por ora apenas com quatro aprendizes, mas que tencio no elevar a doze logo que terminem as construções em que ando neste momento empenhado.

Como v. verá tenho quatro oficinas, em principio é verdade, mas

que em breve estarão em pleno desenvolvimento e actividade, e, assim, lançadas as bases duma boa missão.

A enfermaria e a ambulancia, que abri em 24 de julho, reservei-as para mim e lhe estou dispensando os melhores cuidados. E' um grande elemento para a nossa acção civilizadora, de incontestaveis beneficios para o indigena, que bem o compreende, e de enorme prestigio para esta missão.

*

Construí já três barracões para habitação, três cosinhas, três capoeiras e dez palhotas para moleques, arrecadações e habitação dum cipaio e sua familia.

Tenho em construção um barracão de 15 por 6 metros, onde vou

MISSÃO "PATRIA" - Dia de festa: grupo do pessoal com algumas visitas amigas

(Cliché de L. Oliveira)

instalar as oficinas de carpintaria e alfaiate. Penso em construir successivamente outros barracões para escola, para enfermaria e para internato.

Ando agora a drenar parte do *machongo*, onde muito brevemente hei de semear milho, feijão, aboboras, hortaliças, arrôs, etc.

Nas terras altas já hoje comecei a sementeira de milho e de feijão cafreal.

Isto não é muito, mas sem duvida v. reconhecerá que alguma coisa se tem feito com esforço e metodo.

Estão lançados os alicerces duma grande missão, que se ha de desenvolver e ha de triunfar ao calor dos nossos carinhos, do nosso trabalho e da nossa dedicação.

Não duvide v. Temos fé e não nos pouparemos a esforços e até

mesmo a sacrificios. Estamos satisteitos, todos nós que nesta obra colaboramos.

A «*Patria*» não morre!

Agora sim, tem éla deante de si um largo futuro. Desaparecidos os cuidados e as preocupações dos primeiros dias, que por vezes foram bem incertos, mais aptos e bem dispostos estamos para o trabalho.

Tem condições de vida: ha de progredir necessariamente.

Tenho tido bons auxilios — do sr. administrador da circunscrição, o da secção de Obras Publicas e o do meu particular amigo, sr. Ramiro Ribeiro da Silva, com os conselhos da sua experiencia e com o fornecimento generoso de diversas sementes.

Tambem o sr. governador me prometeu um valioso subsidio em dinheiro, que estou aguardando com viva anciedade.

O auxilio de v. — peço-o agora para um outro fim, mui especialmente — a organização duma banda de musica.

E' verdade! Vou ensinar musica aos rapazes e, depois de bem ensinados, hei de constituir com êles uma banda, que ha de ser de bons resultados.

Ora, o que me falta são instrumentos de musica e é para m'os ir fornecendo que eu conto com a sua boa vontade.

Creia v. que é uma boa obra e dela onvirá falar lisongeiramente, triunfantemente, mesmo.

E o prazer que isso sem duvida lhe causará será o melhor agradecimento que lhe poderiamos dar pelo auxilio que lhe venho pedir e certamente nos vai prestar.

Como disse a v. em minha ultima comunicação, o Sousa, a esposa e a auxiliar Etelvina, ficaram em Dackalo, interinamente, e emquanto não se concluem as instalações para a sucursal que ele vai fundar, o que bem pouco demorará. Deve estar por dias.

Tenho uma grande confiança nesta sucursal a que, sem duvida, está reservado um excelente futuro, não só porque o local é bom e de recursos, mas tambem porque o Sousa é um excelente missionario e vai para ali com as melhores disposições de trabalhar e até com um certo entusiasmo; e os dois elementos femininos que leva hão de ser-lhe preciosos auxiliares.

Confiemos, pois, na sua iniciativa e no seu trabalho, que ha de ser de lisongeiros resultados.

Emfim, sr. director, nós cá vamos indo e parece-me que vamos razoavelmente.

Todos desta missão a v. enviam as suas saudações e lhe desejam

S. F.

O Chefe da Missão *Patria*,

Candido da Silva Teixeira

Da Missão "Miguel Bombarda"

Sr. Director:

E' já de Capulana que escrevo a v. Aqui recebi a sua carta de 10 de junho, devolvida de Manhiça, e que muito agradeço, não só pelo prazer que me deu em a receber mas tambem pelas ponderações e bons conselhos que néla me dá, e eu sempre procurarei seguir, pois reconheço que bem de atender são as suas indicações, que aliás foram sempre tembem o meu desejo.

Não me pouparei a trabalhos nem os sacrificios de qualquer ordem me farão desanimar.

A actividade é para mim um bem estar, uma necessidade mesmo e neste meio é até uma distração: a inercia e a apatia enervam-me e aborrecem-me.

E, depois, foi para trabalhar que para aqui vim e para honrar as missões e bem servir a Patria e a República.

E' o dever de todos e que por minha parte eu não esquecerei, pelo que devo a esse Instituto e pelo que devo a mim proprio.

Compreendo bem as minhas responsabilidades: a elas procurarei corresponder e á confiança que em mim depositaram.

Pouco me demorei na séde da missão: sómente o tempo necessário para se tratar da fundação desta sucursal e dos meios de transporte para aqui.

Gostei de Manhiça, que me pareceu em boas condições climatericas.

Tem boas terras para explorações agricolas, boa agua e em abundancia.

Tem uma casa de alvenaria, que é a residencia do chefe, e oito palhotas que servem para residencia do restante pessoal, arrecadações e enfermaria.

Tem mais três barracões: um que serve de escola, outro de refeitorio e o outro de armazem.

Emquanto ali estive, a distribuição do serviço foi a seguinte: eu e o chefe faziamos o serviço da escola, que tinha uma frequencia média de 64 alunos; o José Lourenço tinha a seu cargo a lavoura, e o Claudino a enfermaria e os curativos.

Ali estive uns quatro meses. Em 1 de julho vim para aqui, fundar esta sucursal.

*

Eis-me, pois, em Capulana, que fica a uns 10 quilometros da séde da missão e a uns 16 de Manhiça.

A região agrada-me: bons terrenos para explorações agricolas e para creações de gados, com uma pequena elevação, propria para exploração de agua.

Construções: um barracão de capim, que serviu de escola da edi-

lidade que aqui existiu, duas palhotas de preto e outras duas construidas pela missão.

Eis o meu campo de acção.

Tenho na escola 44 alunos. Estou satisfeito. E' aqui que eu hei de afirmar o valor das missões civilizadoras e fazer as minhas provas, do meu esforço e da minha dedicação. Confio nela, e a confiança de v. espero tambem ter. E o seu auxilio.

Muito conto tambem com o digno administrador de Manhiça, sr. João Paes de Matos, que já me proporcionou algumas facilidades e me prometeu outras. E' um bom funcionario e um patriota que muito se interessa pelas nossas missões.

Prometeu-me uma junta de bois, um carro e uma charrúa, que eu espero anciosamente para vêr se, antes das chuvas, posso semear de milho um bocado da encosta. Será um bom auxilio.

Já plantei algumas arvores — pereiras, mangas, goiaba, romanseiras e cajú.

Na horta semeei feijão, batata, couves e alfaces. Explorei boa agua em três poços que abri, para consumo e régas.

Passadas as chuvas, hei de vêr se consigo fazer uma casa de alvenaria, contando para tanto com o bom auxilio do sr. administrador desta circunscrição e com o de v.

Peço-lhe, pois, o favor de me mandar uma serra braçal e uma manual, que me serão de muita utilidade e me estão fazendo muita falta.

E peço tambem o favor de não me demorar os auxiliares.

Como v. vê, vai-se trabalhando. Isto vai bem e bem continuará se não me faltarem saúde e recursos.

Aqui estou satisfeito. Não me mudem: dêem-me estabilidade.

Neste isolamento a gente cria afeição aos pretinhos que ensina, ás arvores que planta, ás terras que arroteia, a pequenas coisas, e em tudo encontra estimulo para o trabalho.

Eu quero dizer depois que esta obra, boa ou má, como ela sair, é minha: que a fiz com o meu esforço, com a minha dedicação e com a minha tenacidade: e quero que essa obra fale de mim, da minha fé e da minha devoção patriotica.

E' pela minha obra que v. me ha de julgar e me hão de julgar todos, e eu confio que éla honrosamente deporá em meu favôr, o que é secundario, e em favor da missão o que maior é e constitúe a minha ardente aspiração e viva preocupação.

E hombros á empresa!

A v., sr. director, de todo o coração envio as minhas saudações e a todos desse Instituto, de quem tenho vivas saudades. E procurará sempre dar-lhe boas noticias o

seu muito amigo,

Antonio da Silva Veiga

Da Missão *Miguel Bombarda*

LEGISLAÇÃO PORTUGUESA SOBRE MISSÕES

Ministério das Colónias

SECRETARIA GERAL

REPARTIÇÃO CENTRAL

LEI N.º 1:387

Em nome da nação, o Congresso da República decreta, e nós promulgamos, nos termos do § 3.º do artigo 38.º da Constituïção Política da República Portuguesa, a lei seguinte:

Artigo 1.º São elevados ao triplo os limites marcados no artigo 37.º do decreto n.º 3:469, de 19 de Outubro de 1917, dentro dos quais será arbitrada a importância de indemnização a que são obrigados os alunos do Instituto de Missões Coloniais.

Art. 2.º Os alunos do mesmo Instituto e agentes de civilização, que forem declarados incapazes do serviço das Missões, sómente serão dispensados do pagamento de indemnização quando essa incapacidade tenha sido declarada ou confirmada pelo conselho disciplinar, sob parecer do inspector sanitário.

Art. 3.º O direito a alimentação, que tem os agentes de civilização das Missões laicas e seus auxiliares, é computado e substituido por um subsídio mensal de 100$ para os chefes, 90$ para cada agente e 75$ para cada auxiliar, aumentado de 20 por cento por cada 100 quilómetros que a sua Missão ou sucursal diste do litoral.

Art. 4.º E' fixado em 15.000$ a dotação anual ordinária de cada uma das referidas missões, e em 5.000$ a de cada sucursal.

Art. 5.º O primeiro período de cinco anos, para os agentes das Missões laicas, para o efeito do aumento de 25 por cento sôbre o seu vencimento, a que por cada um dêsses períodos êles têm direito, conta-se desde a sua apresentação na colónia e sómente quando o serviço seja classificado de bom pelo procurador Geral das Missões, sendo fixado em 10 anos o período de 15 a que se refere o artigo 24.º do decreto n.º 6:322, e em 900$ e 600$, respectivamente para agentes de civilização e auxiliares, a importância de pensão, aumentada de 10 por cento por cada ano a mais d'aquele prazo.

Art. 6.º As dotações das Missões laicas e suas sucursais serão pagas na mesma espécie e nas mesmas condições em que ás demais repartições públicas, bem como o seu pessoal, que, alem disso terá direito a subvenções e quaisquer outras vantagens dos demais funcionários da colónia.

Art. 7.º As nomeações, transferências, exonerações e suspensões dos

agentes de civilização e auxiliares das Missões laicas serão feitas sob proposta do director do Instituto de Missões Coloniais, com quem as missões se corresponderão directamente; a criação de sucursais, distribuição de pessoal dentro das mesmas Missões e sucursais é atribuição do mesmo funcionário, que poderá tambem providenciar sôbre a substituição dos chefes.

Art. 8.º Ficam isentos de qualquer imposto de importação, trânsito ou armazenagem todos os fornecimentos e quaisquer objectos enviados pelo Instituto de Missões Coloniais ás suas Missões.

§ 1.º Os artistas contratados serão para todos os efeitos considerados como auxiliares.

§ 2.º Se, criando-se alguma sucursal, não houver para ela dotação no orçamento da colónia, será essa verba inscrita no primeiro que se publicar e referida á data da instalação da referida sucursal.

Art. 9.º Fica revogada a legislação em contrário.

O Presidente do Ministério e Ministro do Interior e os Ministros das demais Repartições a façam imprimir, publicar e correr. Paços do Govêrno da República; 25 de Setembro de 1922.—*António Maria da Silva—João Catanho de Meneses—Vitorino Máximo de Carvalho Guimarães—Antonio Xavier Correia Barreto—Vitor Hugo de Azevedo Coutinho—Eduardo Alberto Lima Basto—Alfredo Rodrigues Gaspar—Augusto Pereira Nobre—Vasco Borges—Ernesto Julio Navarro.*

DECRETO N.º 8:449

O decreto n.º 5:847 autoriza o director do Instituto de Missões Coloniais a contratar artistas que, como agentes auxiliares, vão servir nas missões civilizadoras, mas não providencia sobre a forma de celebração dêsses contratos.

Daí têm advindo dificuldades que muito têm embaraçado a sua situação dentro das missões, o que convém remover.

Êste aspecto do problema missionário e do recrutamento do pessoal auxiliar das missões, dum e doutro sexo, carece também de ser regulado no sentido de se evitar ou, pelo menos, reduzir tanto quanto possível o recurso ao recrutamento de artistas, quantas vezes de aptidões duvidosas e tantas de sentimentos e costumes mais duvidosos ainda, sobretudo a respeito do elemento feminino.

Ora, existindo no Instituto de Missões Coloniais, por disposição do decreto com fôrça de lei n.º 3:352, de 8 de Setembro de 1917, oficinas destinadas ao ensino prático dos alunos do curso literário e dos que nesse curso dêem provas de manifesta incompetência, bem podem nelas ser admitidos alunos que logo desde o início do seu internato se destinem à aprendizagem de um ofício ou mesmo mais de um ofício; e, assim, com estes elementos convenientemente educados, dedicados à causa das missões e no seu progresso e acção interessados, se podem ir substi-

luindo, com assinalada vantagem, os contratados, mercenários e desinteressados.

E, desta maneira, se vai também desenvolvendo a acção do Instituto e completando a sua organização.

Assim, pois, convindo regular êste caso da conveniente preparação de pessoal auxiliar das missões e esclarecer outras disposições regulamentares; e

Usando da faculdade que nos conferem os artigos 38.º, § 3.º, e 47.º, n.º 4.º, da Constituïção Política da República Portuguesa:

Havemos por bem, sob proposta do Ministro das Colónias, decretar o seguinte:

Artigo 1.º As oficinas criadas no Instituto de Missões Coloniais, por decreto de 8 de Setembro de 1917, como aulas práticas dos agentes de civilização, servirão também para preparação e educação profissional de agentes auxiliares e, para tanto, nelas poderão ser admitidos alunos, como aprendizes.

Art. 2.º Terminada a aprendizagem do seu ofício, serão os mesmos alunos, sob proposta do director, nomeados agentes auxiliares das missões e nelas servirão com os vencimentos, direitos e obrigações consignados na actual legislação sôbre missões e por tempo não inferior ao dôbro do que tiver durado a sua aprendizagem.

Art. 3.º A oficina de roupa branca anexa à rouparia, nos termos do artigo 89.º do decreto de 19 de Outubro de 1917, destinar-se-ha também à preparação e conveniente educação de pessoal feminino para as missões, admitindo-se nela, para tanto, alunas aprendizas.

Art. 4.º O ensino profissional desta oficina compreenderá, além dos seus actuais serviços, a culinária, a avicultura, a doçaria, conservas, bordados e demais utilidades da vida doméstica, música e noções de higiene, especialmente de mulheres e crianças, tudo emfim quanto constitúa um valor educativo e civilizador.

Art. 5.º Alem desta sua educação prática, as alunas freqüentarão algumas aulas do Instituto, para a sua educação literária, conforme a sua inteligência e aptidões.

Art. 6.º Estes trabalhos de educação feminina constituirão uma secção de serviços, anexa ao Instituto, considerada para todos os efeitos como uma prefeitura, sob a direcção duma mestra ou regente, e servida exclusivamente por pessoal feminino, que o director poderá contratar.

Art. 7.º Concluída a sua educação, poderão estas alunas ser nomeadas agentes de civilização para a missão em que tenham pai ou irmão com os mesmos direitos e obrigações dos agentes de civilização.

Art. 8.º Estes aprendizes de um e outro sexo são obrigados a indemnização, nos termos e quantitativo actualmente fixados no decreto n.º 3:469, de 19 de Outubro de 1917, artigo 37.º

Art. 9.º A idade máxima de 13 anos, fixada no artigo 5.º, § 2.º, do decreto n.º 3:469, para a admissão de alunos gratuitos, é elevada aos 15 anos.

Art. 10.º Os contratos de auxiliares, que ao director é permitido realizar pelo artigo 6.º do decreto n.º 5:847-E, de 31 de Maio de 1919, se-

rão lavrados na Secretaria do Instituto, em livro próprio, de onde serão extraídas duas cópias autênticas, uma para o Ministério e outra para a colónia do destino do auxiliar, além das que necessárias forem para outros fins.

Art. 11.° O director, dentro das atribuições que lhe confere o artigo 131.° do decreto de 19 de Outubro de 1917, elaborará o regulamento interno necessário à execução dêste decreto e boa ordem dos serviços que êle organiza.

Art. 12.° Fica revogada a legislação em contrário.

O Ministro das Colónias assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Govêrno da República, 27 de Setembro de 1922. — *António Maria da Silva — João Catanho de Meneses — Vitorino Maximo de Carvalho Guimarães — António Xavier Correia Barreto — Vitor Hugo de Azevedo Coutinho — Alfredo Rodrigues Gaspar — Augusto Pereira Nobre — Vasco Borges — Ernesto Júlio Navarro.*

BIBLIOTECA
DO
Instituto de Missões Coloniais

OBRAS PUBLICADAS

Apontamentos sobre alguns medicamentos de urgencia, para uso das Missões Civilizadoras, por A. R. Martins.

As Missões em Angola e Moçambique — Resumo Historico e um Plano Missionario, M. Borges Grainha.

Employ of Prepositions, por Carlos Martins.

Fernão de Magalhães e a sua Viagem de Circumnavegação, por Antonio Ferrão.

Legislação sobre Missões Civilizadoras — Decretos n.os 3:352, 3:469, 5:778, 5:847-E e 6:322.

Regulameuto da Instrução Secundária — Decreto de 18 de Junho de 1921.

Edificio do Instituto

Instituto de Missões Coloniais

INTERNATO DE ALUNOS PENSIONISTAS

Neste estabelecimento são admitidos alunos internos pensionistas, para frequencia do curso liceal. (Decretos n.os 3:352 e 3:469).

As condições do internato são as seguintes:

1.ª — a edade de admissão é dos 10 aos 13 anos;

2.ª — o preço da pensão é de 1:000$00, pelos dez meses de tempo escolar, de 1 d'outubro a 31 de julho;

3.ª — neste preço compreende-se alimentação, tratamento medico, roupas e mobilia de quarto.

Estes alunos não são obrigados nem destinados ás missões.

Banco Colonial Português

SÉDE

Rua Aurea, 175 a 191

LISBOA

Telegr.: PROCOLONIA

Capital autorizado: Escudos: 100.000.000$

Capital emitido: Escudos: 10.000.000$

SUCURSAIS NA AFRICA ORIENTAL E OCIDENTAL PORTUGUESAS

CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO CONTINENTE, ILHAS E EM TODAS AS PRAÇAS ESTRANGEIRAS

Efectua todas as operações bancarias, descontos, transferencias, depositos á ordem e a praso em moeda nacional e estrangeira, pagamentos por ordem telegrafica e por correspondencia, cartas de credito, ordens de Bolsa no país e no estrangeiro, compra e cobrança de coupons, emprestimos caucionados, transacções sobre mercadorias, etc.